



O RIO E A PALAVRA, MEMÓRIA EM TRAVESSIA: A ESCRITA COMO RESISTÊNCIA EM A CEGUEIRA DO RIO (2024), DE MIA COUTO

*THE RIVER AND THE WORD, MEMORY IN CROSSING: WRITING AS RESISTANCE
IN A CEGUEIRA DO RIO (2024), BY MIA COUTO*

*EL RÍO Y LA PALABRA, MEMORIA EN TRÁNSITO: LA ESCRITURA COMO
RESISTENCIA EN A CEGUEIRA DO RIO (2024), POR MIA COUTO*

Rodrigo Felipe Veloso

Universidade Estadual de Montes Claros

rodrigof_veloso@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-7840-584X>

DOI

10.35520/mulemba.2025.v17n33e69068

Recebido: 19 jul. 2025

Aprovado: 1 nov. 2025



A Mulemba adota a licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC).

RESUMO

Publicado em 2024, o romance *A cegueira do rio*, de Mia Couto, propõe uma narrativa que entrelaça memória, esquecimento e resistência simbólica. A história revela vozes ocultadas, especialmente de mulheres e comunidades tradicionais, que emergem para questionar os relatos hegemônicos da história colonial. O rio, símbolo central, não apenas delimita, mas conecta espaços e identidades atravessados por experiências ancestrais. A obra reconstrói sentidos a partir de vestígios e da oralidade, ressignificando o passado por meio de uma linguagem que combina mito, poesia e história. A memória é tratada não como repositório estático, mas como campo dinâmico de disputas e reinvenções. O narrador, ao investigar o passado da região e de seus habitantes, recompõe identidades e desafia a cronologia linear, evocando o poder da ficção como meio de reparar silêncios. Assim, Mia Couto transforma a escrita em instrumento de resistência cultural e afetiva diante das feridas abertas pela colonização e pelos apagamentos históricos.

Palavras-chave: Mia Couto, Memória, *A cegueira do rio*.

ABSTRACT

Published in 2024, Mia Couto's novel A cegueira do rio proposes a narrative that intertwines memory, forgetting, and symbolic resistance. The story reveals hidden voices, especially those of women and traditional communities, that emerge to question the hegemonic accounts of colonial history. The river, a central symbol, not only delimits but also connects spaces and identities traversed by ancestral experiences. The work reconstructs meanings from vestiges and orality, redefining the past through a language that combines myth, poetry, and history. Memory is treated not as a static repository, but as a dynamic field of disputes and reinventions. The narrator, by investigating the past of the region and its inhabitants, reconstructs identities and challenges linear chronology, evoking the power of fiction as a means of repairing silences. Thus, Mia Couto transforms writing into an instrument of cultural and affective resistance against the wounds opened by colonization and historical erasure.

Keywords: Mia Couto, Memory, *A cegueira do rio*.

RESUMEN

Publicada en 2024, la novela de Mia Couto, A cegueira do rio, propone una narrativa que entrelaza la memoria, el olvido y la resistencia simbólica. La historia revela voces ocultas, especialmente las de mujeres y comunidades tradicionales, que emergen para cuestionar los relatos hegemónicos de la historia colonial. El río, símbolo central, no solo delimita, sino que también conecta espacios e identidades atravesados por experiencias ancestrales. La obra reconstruye significados a partir de vestigios y la oralidad, ressignificando el pasado mediante un lenguaje que combina mito, poesía e historia. La memoria se aborda no

como un repositorio estático, sino como un campo dinámico de disputas y reinenciones. La narradora, al investigar el pasado de la región y sus habitantes, recompone identidades y desafía la cronología lineal, evocando el poder de la ficción como medio para reparar silencios. Así, Mia Couto transforma la escritura en un instrumento de resistencia cultural y afectiva ante las heridas abiertas por la colonización y las borraduras históricas.

Palabras-clave: Mia Couto, Memoria, *A cegueira do rio*.



1 Introdução

Publicado em 2024, *A cegueira do rio*, de Mia Couto, se inscreve com força na tradição da literatura pós-colonial africana que resgata a história a partir de suas margens e dá voz aos vencidos. O autor moçambicano retoma eventos históricos concretos, como o ataque alemão a um posto português em Madziwa, às margens do rio Rovuma, e a Revolta dos Maji-Maji para construir uma narrativa ficcional que não busca documentar o passado, mas ressignificá-lo por meio da fabulação crítica. Nesse processo, a literatura se torna um instrumento de insurgência contra as narrativas hegemônicas que excluíram ou distorceram a experiência africana nos relatos históricos oficiais.

O título do romance carrega um símbolo alentado: os rios, como veias ou artérias, ligam territórios distantes, sustentando a vida e a comunicação entre espaços. No entanto, neste enredo, há uma perturbação quase cósmica, quer dizer, um desvio nesse curso natural, que faz com que o rio se perca, que não encontre mais o caminho, como se estivesse cego. A cegueira aqui é metafórica, mas também literal: no início da narrativa tem-se o sargento, vítima de um ataque, que morre acometido por uma doença conhecida, em termos médicos, como “cegueira dos rios” (oncocercose). Foi a partir dessa ferida, tanto física quanto simbólica, que surgiu o impulso para nomear o romance. A dimensão poética intensifica-se com a lenda de Madziwa: “O rio quer sair da água, quer sair da água, mas tem olhos vendados, tem olhos vendados com dois panos espessos, um de cada lado. Todos sabemos: a cegueira da água é uma mentira. Todas as noites o rio levanta-se e volta a ser nuvem” (Couto, 2024, p. 17). Nesse jogo entre real e lenda, o título encena a complexidade de um mundo em que o curso da vida, como o do rio, pode ser interrompido, ocultado ou transformado.

A proposta de Mia Couto é ambiciosa: confrontar a cegueira da história colonial, que apagou os sujeitos africanos como protagonistas, substituindo-os por silêncios e estereótipos. O título do romance já sugere esse descompasso: o rio que separa Moçambique da Tanzânia torna-se metáfora de uma fronteira forçada, imposta pelos impérios coloniais, e ao mesmo tempo representa o fluxo de uma memória subterrânea, que corre apesar dos apagamentos. A cegueira evocada por Mia não é apenas a incapacidade de ver com os olhos, mas a recusa de enxergar com o espírito, uma cegueira ética, histórica e simbólica.

Combinando ficção, documento, oralidade e visualidade, *A cegueira do rio* compõe uma verdadeira poética da memória, onde os modos de narrar e de representar o mundo se multiplicam: provérbios africanos, imagens feitas com areia, vozes díspares, desenhos de rituais iniciáticos, discursos políticos e confissões íntimas compõem a tessitura de uma obra profundamente polifônica. É uma literatura que se propõe como gesto político: não para apagar o trauma, mas para reinscrevê-lo.



2 Memória, linguagem e identidade: a ferida da diáspora interna

O romance se estrutura a partir de múltiplas vozes, mas é por meio do personagem Nataniel Jalasi, um sipaio moçambicano, que o leitor adentra a espessura da narrativa histórica. Sua voz em primeira pessoa irrompe entre os capítulos narrados em terceira pessoa, oferecendo uma contraposição subjetiva à frieza dos eventos militares. No excerto em que Nataniel enterra os irmãos, sua fala revela uma tensão visceral entre o pertencimento e a alienação, entre a fé ancestral e o idioma do opressor. A invocação sem esperança dos “anjos da guarda” em português, após clamar pela mãe e pelos antepassados, explicita o esfacelamento da identidade provocado pelo colonialismo.

Esse momento de exílio interior, descrito com rara sensibilidade, traduz o que Mia Couto chama de “diáspora interna”, um desterro simbólico que não ocorre apenas pelo deslocamento físico, mas pela ruptura de laços espirituais e culturais. O protagonista sente-se exposto, vulnerável, “mais exposto que uma árvore solitária”, como se sua existência se tornasse um grito silencioso diante da brutalidade da história. A frase “a minha vida esperava por mim” é, ao mesmo tempo, poética e trágica: a vida verdadeira, aquela que carrega sentido e raízes, permanece inacessível, perdida em um passado interdito pela violência colonial.

A escrita de Mia Couto, nesse sentido, se aproxima de autores como Edward Said (2011), que veem na resistência cultural um modo de existir frente aos sistemas de apagamento. Dar voz a Nataniel é um ato de reparação simbólica, uma forma de reinscrever o corpo africano na história a partir de sua subjetividade e de seu saber.

Um dos gestos mais ousados do romance é a morte precoce do sargento português Bruno Estrela, que abre a narrativa com ares de protagonista, apenas para ser eliminado por um disparo alemão pouco depois. Essa escolha subverte as expectativas do leitor e desorganiza a lógica tradicional dos romances de guerra ou de exploração colonial, onde os personagens brancos normalmente ocupam o centro da ação. Mia Couto rompe com essa centralidade para demonstrar que o verdadeiro protagonista da história não é o colonizador, mas os sujeitos que resistem às suas violências.

A morte de Bruno também funciona como metáfora do colapso do pacto imperial europeu. Portugal e Alemanha, ambos agentes da dominação, entram em conflito em solo africano como se travassem uma disputa sem sentido por territórios que não lhes pertencem. A tragédia comum das guerras coloniais é sintetizada na frase: “todos nós, negros e brancos – que sempre existimos separados – acabaríamos por nos tornar vizinhos nessa cova maior do que a terra inteira” (Couto, 2024, p. 63). A sepultura coletiva emerge como denúncia contundente da desumanização promovida pela lógica imperial.

Essa fragmentação da narrativa, que alterna tempos, pontos de vista e estilos, não é apenas um recurso estético, mas corresponde à maneira como a memória opera: lacunar, descontínua, assombrada por silêncios. A estrutura do romance espelha a própria experiência da colonização, marcada por rupturas, deslocamentos e vozes amputadas.



Outro aspecto fundamental da obra é a centralidade da linguagem e da escrita como formas de poder e resistência. Nataniel, ao aprender a ler e escrever em português, adentra o universo do colonizador, mas não como um sujeito submisso — ele usa essa ferramenta para reconfigurar sua consciência histórica. Essa dimensão é analisada por Jacques Derrida (1976), que vê na escrita um lugar privilegiado da desconstrução da autoridade, pois ela rompe com a ilusão da presença plena e expõe os mecanismos de poder embutidos na linguagem.

O aprendizado do português, contudo, é também um gesto ambivalente: se por um lado permite a expressão e a emancipação de Nataniel, por outro, distancia-o de sua língua materna e de sua comunidade. O sujeito colonizado se torna bilíngue, mas à custa de uma perda: perde-se a espontaneidade da palavra nativa, substituída por uma língua que carrega as marcas da opressão.

Essa contradição é tematizada pela figura do padre Sisnando Baião e pela cena do pedido de desculpas encenado por Hadrian Schreiber, representante alemão. O perdão, nessa mise-en-scène religiosa e conciliadora, transforma o massacre dos Maji-Maji em espetáculo. A tentativa de reparar simbolicamente a violência revela-se falaciosa: não há reparação sem escuta verdadeira, sem o reconhecimento pleno da dor do outro. O aplauso convocado pelo padre desvela as armadilhas do esquecimento: a memória é neutralizada em nome de uma paz aparente.

O espaço do romance é delimitado por um rio: o Rovuma, que separa Moçambique da atual Tanzânia. Porém, como bem observa o texto introdutório, esse rio não era fronteira para os povos que viviam em suas margens, mas apenas um fluxo compartilhado de cultura, linguagem e fé. É o colonialismo que impõe a geopolítica do corte, que transforma o contínuo da vida africana em territórios fragmentados.

O rio, portanto, adquire uma dupla significação: é ferida e fluência; é divisão e memória. Ele é o traço da cartografia colonial, mas também o lugar simbólico onde os saberes africanos resistem e persistem. A própria estrutura do livro, com imagens feitas de areia que se desfazem ao vento, reforça essa noção de que a cultura não está fixada no papel, mas no gesto, na performance, no ritual. Essas “grafias do corpo” desafiam a supremacia da escrita alfabética, reivindicando outras formas de registrar o mundo.

Embora o foco do romance esteja nas vozes silenciadas dos africanos, Mia Couto também investiga a subjetividade dos colonizadores, revelando suas fissuras e dores internas. A personagem Constança Sá de Meireles representa a aristocracia portuguesa em crise: ela tenta impedir o casamento da filha, Flávia, com um sargento, mas é surpreendida por um ato de desespero, ou seja, o “suicídio” da filha, provocado pela ausência de Bruno. A elite colonial, que supostamente detinha poder e civilização, se mostra também dilacerada por afetos reprimidos e por um mundo em colapso.

Esse episódio revela que, mesmo entre os brancos, há hierarquias e violências: a dominação não é homogênea, mas cheia de tensões internas. A figura de Constança, altiva e



controladora, contrasta com o luto silencioso de Flávia, e ambas, à sua maneira, são vítimas do sistema colonial. Mia Couto recusa a caricatura, preferindo personagens complexas, contraditórias, que expressam tanto privilégio quanto sofrimento.

Ademais, a oralidade, longe de ser um resquício do passado, aparece como uma força viva no romance. Os provérbios que abrem cada capítulo não são decorativos, mas inscrições simbólicas que traduzem a sabedoria coletiva dos povos africanos. Paul Zumthor (1993), ao estudar a poesia oral, destaca que a palavra dita possui um valor performativo e comunitário que escapa à lógica da escrita ocidental. Em *A cegueira do rio*, essa dimensão está presente em cada fala, em cada gesto narrativo.

Mia Couto, ao mesclar oralidade e escrita, gesto e letra, fabulação e documento, constrói uma literatura mestiça, situada entre margens — não apenas geográficas, mas culturais, linguísticas e epistemológicas. Trata-se de uma literatura que não busca pureza, mas atravessamentos. Não se trata de uma reconciliação simplista entre tradição e modernidade, mas de um campo de tensão produtiva, onde novas formas de linguagem e de mundo podem emergir.

Ao final de *A cegueira do rio*, o que permanece é a força da memória. Não a memória como arquivo fossilizado, mas como travessia, como presença viva que inquieta e ilumina. Mia Couto reconfigura a literatura como um espaço de escuta, onde a palavra não apenas narra, mas cura, não apenas denuncia, mas reinventa. Sua escrita é, como o próprio rio, um fluxo cego que insiste em seguir, ainda que sem rumo claro, porque carrega os restos de uma história que precisa ser contada.

Considerações finais

Em *A cegueira do rio*, lembrar não é um gesto nostálgico, mas um ato de resistência. É por meio da ficção que se torna possível resgatar vozes apagadas, desmontar mitos coloniais e abrir espaço para novas narrativas. Ao recuperar os fragmentos de uma história violentada, Mia Couto não apenas honra os mortos, mas dá dignidade aos vivos, propondo uma ética da escuta e uma poética da justiça.

Nesse romance em estudo, a literatura revela-se não como fuga da realidade, mas como sua reescrita: uma forma de tornar visível aquilo que a história quis cegar. E é nesse gesto que reside sua potência transformadora.



Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Forense Universitária, 1981.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

COUTO, Mia. **A cegueira do rio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

DERRIDA, Jacques. **Of Grammatology**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1976.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

